

## O TERMO ANEXIM NA FEIRA DOS ANEXINS DE F. MANUEL DE MELO

Marlit Bechara  
UERJ

A literatura do séc. XVI e XVII de todos os países recebia de muito bom grado e com tanta freqüência a presença dos refrãos, das sentenças e das frases proverbiais, que a cada fonte proposta para a *Feira dos Anexins* se poderia contestar com a proposta de muitas outras possíveis fontes.

Vejamos, por exemplo, a sugestão da parte de um mestre de competência fora de qualquer dúvida, o filólogo e etnógrafo Prof. José Leite de Vasconcelos:

Ao escrever este livro, talvez D. Francisco Manuel tivesse lembrança das *Cartas en refranes* de Blasco de Garay, que, como diz Delicado, eram conhecidos em Portugal, e cuja 1ª ed. data de 1545; todavia as semelhanças entre as *Cartas* e a *Feira* são apenas longínquas: basta lembrar que uma das obras é em forma epistolar, e a outra em forma dialogada; o que elas têm em comum é estar entremeada de adágios uma narração seguida, e em se considerarem estes como elementos naturais e espontâneos dela. De 1561 é o *Diálogo nel quale se contengono varii discorsi di molte belle cose, di proverbi*, etc., impresso em Pádua, mas esta obra só a conheço pela indicação do bibliógrafo Brunet (vol. VI, nº 18:484), portanto não posso dizer se a Feira dos Anexins se parece, ou não, com ela.  
(*Ensaaios Ethnographicos*, I, p. 141-142)

Deixando de lado o *Dialogo*, pois não foi utilizado para comparação, devo dizer que não é só a natureza diferente (diálogo e também fábula na *Feira* e epistolar em Garay) que separa as duas obras, mas os próprios elementos em que se estrutura o discurso. Na *Feira dos Anexins* há a presença do trocadilho que constrói e sustenta a metáfora, um dos elementos formais tão presentes na concepção da obra, que o autor com plena consciência do fato, pôs como título *Metáforas* ou *Feira dos Anexins*, e abre todos os diálogos da 1ª e 2ª parte com a expressão "Em metáfora de", seguida do tema a ser comentado.

Estas características estão presentes na 1ª e 2ª partes, o que faz diferenciá-las muitíssimo da 3ª parte. Se essa 3ª parte, apesar do testemunho de alguns manuscritos que chegaram até nós, é de autoria do polígrafo português, é tema que aqui não interessa.

Como não é texto de fácil consulta, acredito que vale a pena dar uma pequena amostra das *Cartas en refranes* de Garay conforme foram reproduzidas na rica e importante coleção *El Refranero General* de José María Sbarbi:

#### Primera Carta

En que finge cómo sabiendo una señora que un su servidor se quería confesar, le escribe por muchos refranes, para tornarle á su amor.

Oí, Señor, siempre decir, que el ansar de Cantipalos sale al lobo al camino: y tal pareceré yo agora, haciendo lo que vos habíades de hacer; pues que dicen que las mujeres deben ser rogadas; porque la nuera ha de ser rogada y la olla reposada. Mas como el mundo ande al revés, y ya no puede ser más negro el cuervo que sus alas, quiero que si no va el otero á Mahoma, que vaya Mahoma al otero. Y aunque digan que por mucho madrugar no amanece más aína, y que más vale al que Dios ayuda, que al que mucho madruga; porque á quien Dios quiere bien, la casa le sabe, y a quien mal, la casa y el hogar; no se me da nada, que también dicen, por otra parte: no seas perezoso, y no serás deseoso; que la diligencia es madre de la buena ventura; y quien no se aventura, no ha ventura.

(Vol. VII, p. 59)

Se estamos no terreno das conjecturas, imagino que a *Feira dos Anexins* está mais próxima de uma obra de D. Francisco de Quevedo, intitulada *Cuento de Cuentos*, publicada com texto revisto em 1626. Acredito que tenho fundados motivos para dizer que esta obra do escritor espanhol apresenta boas razões que a tornam uma provável fonte da *Feira dos Anexins*. Em primeiro lugar, a relação de amizade e de grande consideração que unia os dois grandes autores. D. Francisco Manuel que tem algumas de suas composições nitidamente inspiradas em escritores espanhóis – além de Quevedo, Marino e Góngora, e outros – nunca escondeu seu apreço ao amigo, e dele assim fala na epístola VI de *La Fístula de Urania*:

Quescas ya tanta vez dissimuladas,  
bien lo sabéis, dulcíssimo Quebedo,  
no hay pluma que las tenga bien cerradas.

.....  
Vos que tan dulce quanto doctamente  
siempre empuñais la pluma contra el vicio,  
pues mi Maestro sois, sed mi valiente.

Como segundo argumento, posso citar a própria intenção literária de *Cuento de Cuentos*, "donde se leen juntas las vulgaridades rústicas, que aún duran en nuestra lengua, barridas de la conversación". Em outras palavras, no dizer de um comentador da obra de Quevedo, Don Francisco de Paula Seijas:

Quevedo escribió el *Cuento de Cuentos* más para mostrar la gala de su ingenio y el supremo dominio que tenía en la habla castellana, que para zaherir al vulgo y castigarle su gárrula invención. Ciertamente movió gran polvareda en la familia literaria, que le miraba hoxa y de traves, pero más fué culpa de ello el nombre del autor, que el objeto de su trabajo.

(apud J. M. Sbarbi, *El Refranero General Español* vol. VIII, p. 10-11)

É interessante aproximar este juízo de D. Francisco de Paula, sobre a riqueza de expressões populares e frases proverbiais espanholas que Quevedo profusamente enxertou em *Cuento de Cuentos*, com o juízo que da *Feira dos Anexins* fazia Alexandre Herculano, talvez a primeira autoridade a revelar o valor lingüístico desta obra de D. Francisco Manuel:

A outra (obra inédita de D. Francisco Manuel) que lemos, e de que possuimos uma cópia é a *Feira dos Anexins*, livro curioso, em que estão lançadas metodicamente as metáforas e locuções populares da língua portuguesa, e que seria quase um manual para os escritores dramáticos, principalmente do gênero cômico, que quisessem fazer falar as suas personagens com frase conveniente, e com as graças e toque próprio da nossa língua portuguesa e do verdadeiro estilo dramático, cousa a mais difícil, talvez, neste gênero de literatura, e de que tão arredios andam os que o começam a cultivar entre nós, imbuídos dos destemperos, escarcéus e expressões falsíssimas, que aprendem pelos livros do visconde d’Arlincourt, e ainda dos grandes autores dramáticos franceses, etc., etc.

(A. Herculano, no *Panorama*, vol. IV, 1840, p. 296 apud Inocêncio, ed. da *Feira*)

Um terceiro fundamento, que considero de grande importância, está na correlação de títulos das duas obras: *Cuento de Cuentos* e *Feira dos Anexins*. Explico-me. Quevedo manipula um equívoco com os dois significados de *cuento* em espanhol (que prevalece também para o português). O primeiro *cuento* pode ser tanto sinônimo do segundo *cuento* (‘narração’), significando uma sucessão de narrações, como pode ser equivalente ao português *conto*, denotativamente, ‘um milhão’ e, conotativamente, ‘numerosos’, e aí seria entendido como ‘um milhão de contos’. Dado o equívoco de que lançou Quevedo, a expressão *cuento de cuentos* seria “muy embrollado, embrollo de cuentos. Quevedo, *Cuento de cuentos*, como quien dice: narración de embrollos, millón de embrollos, narración de narraciones, embrollo de embrollos. Pues todos esto cabe, y todo lo pretendió Quevedo, por el mismo equívoco del vocablo que le venía a cuento. Calder. *Dich. y desd.*, 3: Qué ruido es ése?! Acá es un cuento de cuentos (Julio Cejador y Frauca, *Frasesología o Estilística Castellana*, vol. I, p. 388).

O *Diccionario de Autoridades* da Real Academia Espanhola dá uma explicação mais clara:

*Cuento de cuentos*. Se llama también una relación o noticia, en que se mezclan otras varias, que hacen perder el hilo de la principal: y se suele aplicar también a algunos negocios muy difíciles de poner en planta, por lo enredado que están.

(Vol. I, p. 683)

Em espanhol, *cuento*

Es también la relación ò noticia de alguna cosa sucedida: Y por extensión se llaman también así las fábulas, ò consejas, que se suelen contar à los niños para divertirlos.

(Id., *ibid.*, p. 682)

D. Francisco Manuel de Melo com a *Feira dos Anexins* pretendeu seguir de perto as intenções prometidas no título da obra de Quevedo, senão vejamos: paralelamente ao espanhol *cuento de cuentos*, com o significado de 'um milhão de contos', 'grande quantidade de contos', D. Francisco usou *feira* que, em português, pode significar 'grande quantidade', 'grande profusão': *feira de anexins*, *feira de vaidades*, *feira de ilusões*.

Outro aspecto que a obra de Quevedo acabou resgatando foram, como ele mesmo diz no título, "las vulgaridades rústicas, que aún duran en nuestra lengua, barridas de la conversación". Essas "vulgaridades rústicas", na obra de D. Francisco Manuel, estão representadas pelas frases proverbiais (*anexins*) estruturadas por metáforas construídas com ajuda de jogos de palavras ou *equivocos*, exatamente os *equivocos* lembrados por Cejador y Frauca sobre a expressão *cuento de cuentos*.

É esse resgate de expressões populares e frases proverbiais que A. Herculano põe em evidência no seu juízo sobre o valor lingüístico da *Feira dos Anexins* e de sua contribuição ao "verdadeiro estilo dramático".

Esta minha proposta de relacionar a *Feira dos Anexins* ao *Cuento de Cuentos* tem um ponto que precisa ficar esclarecido, o que ainda não fiz até aqui: o emprego de *anexins* no título da obra do escritor português.

A palavra *anexim* é de emprego raro, entre os estudiosos, junto às denominações que se usam para esse tipo de textos, entre as quais temos: *vervo* ou *verbo* (antiquado), *exemplo* (também antigo), *provérbio*, *ditado*, *rifão* ou *refrão*, *adágio*, *aforismo*, *apotegna*, *axioma*, *brocardo*, *dito*, *máximo*, *parêmia*, *pensamento*, *princípio*, *prolóquio*, *sentença*.

Os dicionários de sinônimos, assim como muitos estudiosos, têm proposto distinções entre essas denominações nem sempre consagradas pelo uso. Depois de

estabelecer distinções com base em critérios variados (popular X erudito, restrito X largo, sentencioso X picante, de autor conhecido X anônimo), assim termina Adolfo Coelho:

Não insistirei mais sobre as diferenças desses termos, acerca dos quais muito se tem dissertado, e muitas vezes em vão.

(*A Pedagogia*, p. 482)

Na sua relação, onde só poucos aparecem (*verbo/verbo, exemplo, provérbio, ditado, refrão, rifão, adágio*) não consta *anexim*, embora faça referência à *Feira dos Anexins*, que julga de "pouco interesse para o estudo da paremiologia portuguesa" (*Ibid.*, p. 481).

Para dar ao leitor uma idéia das leves distinções que os estudiosos tentam estabelecer na farta nomenclatura existente, considero exemplo significativo este ensinamento do Prof. Antenor Nascentes:

*Adágio* é um provérbio antiquado e anônimo. *Aforismo* é uma curta prescrição de um tratado científico, sobretudo de medicina; são célebres os de Hipócrates. *Anexim* é um dito picante, chulo, em linguagem rude, como aqueles que usa comumente o povo. *Apotegma* é a palavra memorável de homem notável, sobretudo dos antigos; Plutarco colecionou muitos, de reis e generais macedônios. *Axioma* é uma verdade evidente por si mesma; encontra-se muito na matemática. *Brocardo* é regra jurídica concisa, como as constantes do livro L, título XVII, do Digesto, *De diversis regulis juris antiqui*. *Ditado* é frase popular, curta, anônima, na qual se dá uma noção, um conceito vulgar, um bom conselho. *Dito* é frase pronunciada em tom de pilhéria. *Máxima* é um pensamento importante, no ponto de vista prática, um sábio conselho dado em poucas palavras e tendo autor conhecido; são notáveis as de La Rochefoucauld. *Peremia* é a expressão proverbial em que predomina a feição alegórica. *Pensamento* é o juízo enunciado com a intenção de exprimir de modo simples, porém com certa eloquência, uma verdade, um conselho útil, fruto da meditação; são notáveis os de Pascal. *Prolóquio* é sentença filosófica com que se inicia discurso ou escrito, anunciando o assunto ou o ponto de vista do orador ou do escritor. *Provérbio* é máxima ou sentença, popularizada e consagrada pelo uso, podendo ter autor conhecido; são célebres os de Salomão. *Rifão* é o provérbio que anda repetido na boca do povo, como se repete o estribilho de uma canção (fr. *refrain*). *Sentença* é provérbio de sentido profundo, com caráter literário ou oratório, solene, brilhante na forma; são notáveis as de Publílio Siro.

(*Dicionário de Sinônimos*, p. 33-34)

Para meu tema, interessa pôr em evidência o que diz o Prof. Nascentes sobre *anexins*, isto é, "dito picante, chulo, em linguagem rude, como aqueles que usa o povo". Estas características do *anexim* estão presentes em todos aqueles antigos que definem a palavra:

*Bluteau*

Axioma vulgar. Dito picante, como aqueles de que comumente usam regateiros e gente popular *Dictum salsum* ou *facetum*, ou *facete dictum*. E que tão pouco em lugar de adágios e sentenças tenham *anexins*. Corte na Aldeia, Dial. 3, p. 56.

(*Vocabulário Portuguez e Latino*, I, p. 372-373)

*Morais*

Axioma Vulgar, dito alusivo ou picante de que usa o vulgo. *Eufr. 1, 3. Lobo*, p. 21 "e que tão pouco em lugar dos adágios e sentenças tenham (as cartas) *anexins*. § É sin. de *adágio* e *sentença*.

(*Dicionário da Língua Portuguesa*, I, p. 149)

Os dicionaristas mais modernos já não fazem referência obrigatória à natureza popular dos *anexins*. É o que se vê em:

*Dicionário Contemporâneo* dito de Aulete:

*Anexim* (a-ne-xim), s.m. rifão, adágio, dito conceituoso. // Estribilho, dichote: O outro lhe dizia mil *anexins* naquele jogo usados (N. Tolentino)

(I, 96)

*Dicionário da Língua Portuguesa* – Porto Editora, onde se misturam *anexim*<sup>1</sup>, o que venho estudando, e *anexim*<sup>2</sup>, derivado de *anexo*:

*Anexim*, s.m. dito sentencioso; provérbio; adágio; (*prov.*) alcunha; (*gr.*) estudante de um curso anexo à Universidade.

(p. 106)

*Aurélio*

*Anexim* (ch). s.m. 1. v. *provérbio* (1): "Com tais elementos acha-se, ou pelo menos achava-se naquele tempo facilmente um marido; não desses que justificam o *anexim* – nunca falta um chinelo velho para um pé doente – mas um marido regular, capaz de direitos e obrigações" (França Júnior, *Folhetins*, p. 626-627). 2. Dito sentencioso.

(p. 119)

Para a correta descodificação do título da obra de D. Francisco Manuel é necessário recorrer ao significado que tinha a palavra *anexim* entre os séculos XVI e XVII, isto é, um provérbio ou frase proverbial de cunho popular picante, em linguagem rude, até chula, o que nos lembra o comentário de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos em relação aos *Apólogos*, nos quais inclui a *Feira dos Anexins*:

"(...) portuguesíssimas (essas obras) pelo assunto e pela forma, amenizadas como estão com todas as delicadezas e todas as ousadias, até mesmo com as indecências gradiosas da linguagem familiar lveja bem o leitor esta parte do juízo da aural, de sorte que constituem com os seus anexins e contos, suas anedotas humorísticas e alusões a práticas e costumeiras populares, uma verdadeira mina de curiosidades para o folclorista, o lingüista e o historiador da sociedade e das literaturas hispânicas."

(Notas, I, p. 6)

É também este significado que estabelece, a meu ver, mais um elo entre a *Feira dos Anexins* e *Cuento de Cuentos* de Quevedo, pois em ambas as obras resgata-se ou tenta-se resgatar o tesouro da fraseologia popular, banida da conversação em geral, mas que ainda corria viva no povo rústico, devendo-se ressaltar aqui que os dois autores estavam vivendo numa época de maneirismo, de predileção pelo refinado – como diz Hauser – ou, ainda mais veementemente, como rematava Gôngora, que via "a naturalidade como pobreza de espírito e a claridade como falta de reflexão" (Apud Spina, *Introdução ao Maneirismo*, p. 38).

Para pôr um ponto final nestas minhas considerações, preciso ainda discutir uma questão que ficou no ar e que julgo importante aprofundar: é saber se, ao contrário do que pensava D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, estaria certo Adolfo Coelho em declarar que a *Feira dos Anexins* seria de "pouco interesse para o estudo da premiologia portuguesa".

Na verdade, a *Feira dos Anexins* não pretende ser uma recolha de adágios ou provérbios, embora D. Francisco Manuel de Melo com frequência faça alusão a muitos deles. A intenção maior, do ponto de vista lexicológico, foi, como assinalou Alexandre Herculano, lançar "metodicamente as metáforas e locuções populares da língua portuguesa" e oferecer "quase um manual para os escritores dramáticos, principalmente do gênero cômico, que quisessem fazer falar as suas personagens com frase conveniente e com as graças e toque próprio da nossa língua". Temos, pois, de dar razão ao juízo crítico de F. Adolfo Coelho.

Já é muito conhecida a antiguidade da utilização dos provérbios em obras filosóficas, teológicas, gramaticais e literárias. O que falta dizer é que na *Feira dos Anexins* D. Francisco inaugura, em obra literária em Portugal, o uso sistemático do jogo de palavras, do *calembour*, daquilo que se costuma chamar o *cômico verbal*, também *fantasia verbal*, cuja utilização é milenar na obra literária. Tem aparecido uma extensa bibliografia do tema, especialmente para o francês medieval e de épocas

mais próximas de nossos dias. Rabelais, por exemplo, foi um exímio artista desse cômico verbal; são célebres seus equívocos ou *calembours*: *ancoлие* e *melancoлие*, *moutarde* e *moult tarde*, *le composeur de pets* e *de paix*, etc. Garapon (1957:10) definiu a fantasia verbal como o prazer do jogo de palavras que "prend le pas sur la volonté de signifier".

O que penso não se ressaltou ainda na *Feira dos Anexins* é essa utilização metódica e sistemática da fantasia verbal, ao lado da recolha de locuções populares portuguesas, ambos os procedimentos muito mais característicos, em relação aos recursos lingüísticos, muito mais presentes do que a presença de provérbios e refrãos.

Devo insistir, portanto, em que a obra de D. Francisco inaugura, na literatura portuguesa, o uso metódico e sistemático da fantasia verbal. Se não estou enganada, nenhuma outra obra, em Portugal, utiliza com esta freqüência tal recurso lingüístico.

Assim, tomo a liberdade de não ver razão em Leite de Vasconcelos em aproximar e até apresentar como possível fonte da obra de D. Francisco as *Cartas en refranes* de Blasco de Garay. É bem verdade que essa atribuição é feita com muita prudência, mesmo porque Leite de Vasconcelos reconhece que a *Feira dos Anexins* não é propriamente um adagiário, mas uma série de diálogos constituídos em grande parte por locuções populares, a propósito das quais citam adágios – como se citam contos, jogos, perlangas, etc. (*Ensaio etnográficos*, I, 141).

O Prof. V.-L. Saulnier, em contribuição ao Colóquio organizado pelo Institut d'Études Romanes e o Centre de Civilisation Française da Universidade de Varsóvia, realizado em abril de 1975, em Varsóvia, ao declarar que "la fantaisie verbale n'est pas seulement un fait de vocabulaire (sémantique et morphologie), mais aussi bien de phonétique, de phraséologie, de stylistique, et de rythmique" (*Le comique verbale*, p. 20), tentou estabelecer uma espécie de tipologia da fantasia verbal, que ultrapassa os limites do *calembour*. Segundo ele, este fenômeno utiliza os seguintes procedimentos formais:

- 1) a pronúncia com os efeitos da entoação;
- 2) a combinação de palavras e a estruturação das frases;
- 3) os lapsos (*insalubre* por *insoluble*; as más traduções; a confusão com falsos sinônimos; a citação truncada, etc.);
- 4) o jogo verbal com o significado, deixando intacto o significante (é o caso do comentário de Toulet acerca de um livro de Feuillet: "Jamais voulu écrire ce livre... car il n'est pas écrit");
- 5) o mal-entendido (recurso tão comum no teatro vicentino, especialmente na fala com parvos);

- 6) o jogo sonoro com associação de palavras (a aliteração e o equívoco, exemplo deste último *Atropos/a trop os*);
- 7) o jogo com base no significante (a homofonia, a antistrofe, o *calembour*, o anagrama);
- 8) a criação de palavras;
- 9) a invenção de línguas fictícias ou linguagens cifradas;
- 10) o recurso às línguas estrangeiras (por exemplo, as línguas de Panurge quando do encontro com Pantagruel);
- 11) recurso à gíria;
- 12) o pasticho.

Se procedermos a uma análise dos recursos formais utilizados por D. Francisco na elaboração da *Feira dos Anexins*, iremos encontrar exemplos que preenchem quase todos os itens da tipologia levantada por Saulnier.

É um domínio de pesquisa bastante promissor à espera de investigadores.

### BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. *Diccionario de autoridades*. Madrid, Real Academia Española, 1611. Reprodução facsimilada da Editorial Gredos, 1979. 3v.
- AULETE, F.J. Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3ª edição. Lisboa, Parceria A. Pereira, 1948. 2v.
- BLUTEAU, Rafael. *Vocabulário Portuguez e Latino*. Coimbra, Officina de Pascoal da Silva, 1712-1728. 10v.
- CEJADOR Y FRAUCA, D. Julio. *Fraseología o estilística castellana*. Madrid, Sucesores de Rivadeneyra, 1921-1925. 4v.
- COELHO, F. Adolfo. "A pedagogia do povo português" (in *Portugalia*, I, fasc. 1º, 57-78; fasc. 2º 201-226; fasc. 3º, 475-496). Lisboa, 1898.
- COMBET, Louis. *Recherches sur le "Refranero" castillan*. Paris, Belles Lettras, 1971.
- GARAPON, Robert. *La fantasie verbale et le comique dans le théâtre français du Moyen Age à la fin du XVIIe. siècle*. Paris, 1957.
- HERCULANO, Alexandre. *Opusculos*. v. 3. 4ª ed. Lisboa.
- HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª edição revista e ampliada. Rio de Janeiro, Edit. Nova Fronteira, 1986.

- MELO, Francisco Manuel de. *Feira dos Anexins*. Edição dirigida e revista por Innocencio Francisco da Silva. Lisboa, Livr. de A.M. Pereira, 1875. 2ª ed. 1916.
- NASCENTES, Antenor. *Dicionário de sinônimos*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- SAULNIER, V.-L. "La fantaisie verbale et sa diversité" (in *Les Cahiers de Varsovie – Le comique verbal en France au XVIIe. siècle*). Varsovie, éditions de l'Université, 1981.
- SBARBI, José María. *El refranero general español*. Parte recopilado y parte compuesto por J.M. Sbarbi. Madrid, Gómez Fuentenebro, 1874-1878. 10v. Reprodução facsimilar de Ediciones Atlas, Madrid, 1980.
- SILVA, Antônio de Morais. *Dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Borel e Borel, 1813. Edição facsimilada sob a direção de Laudelino Freire. Rio de Janeiro, 1922. 2v.
- . *Dicionário da língua portuguesa*. 6ª ed. melhorada e muito acrescentada pelo desembargador Agostinho de Mendonça Falcão. Lisboa, Antonio José da Rocha, 1858. 2v.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. "D. Francisco Manuel de Melo. Notas relativas a manuscritos da Biblioteca da Universidade de Coimbra" (in *Boletim Bibliográfico da Universidade de Coimbra*, fasc. I, 1914; fasc. II, 1915). Coimbra, Universidade de Coimbra, 1914-1915. 2v.
- VASCONCELOS, José Leite de. *Estudos ethnographicos*. Esposende, Editora Esposendense, 1891 [2ª ed. 1911]–1910.
- VITERBO, Frei Joaquim de Santa Rosa de. *Elucidario das palavras, termos e frases antiquadas da lingua portugueza*. 2ª ed. Lisboa, A.J. Fernandes Lopes, 1815. 2v.

\*\*\*